

BASQUETE E BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS

Esporte, inclusão e sustentabilidade, vol. 1, n. 3



**PATRÍCIA VIGÁRIO, BIANCA GAMA PENA, SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES,
ANNA CAROLINA CARVALHO DE SOUZA, JOÃO MARCELO CORTAT E JÉSSICA SILVA DE JESUS**

eME

eMuseu do Esporte

ORGANIZAÇÃO



APOIO



MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



BASQUETE E BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS

Esporte, inclusão e sustentabilidade, vol. 1, n.3

**PATRÍCIA VIGÁRIO,
BIANCA GAMA PENA,
SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES,
ANNA CAROLINA CARVALHO DE SOUZA,
JOÃO MARCELO CORTAT,
JÉSSICA SILVA DE JESUS**

Rio de Janeiro, agosto de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Basquete e basquete em cadeira de rodas [livro eletrônico] / Patrícia Vigário ... [et al.]. -- Rio de Janeiro : Gama Assessoria Empresarial : eMuseu do Esporte, 2021. -- (Esporte, inclusão e sustentabilidade ; 3) PDF.

Outros autores : Bianca Gama Pena, Silvio de Cassio Costa Telles, Anna Carolina Carvalho de Souza, João Marcelo Cortat, Jéssica Silva de Jesus.
ISBN 978-65-995711-1-4

1. Basquetebol - Competições 2. Educação física
3. Educação inclusiva 4. Esporte 5. Pessoas com deficiência - Acessibilidade 6. Pessoas com deficiência - Educação I. Pena, Bianca Gama. II. Telles, Silvio de Cassio Costa. III. Souza, Anna Carolina Carvalho de. IV. Cortat, João Marcelo. V. Jesus, Jéssica Silva de. VI. Série.

21-80048

CDD-796.323

Índices para catálogo sistemático:

1. Basquetebol : Ação pedagógica : Esporte 796.323

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

COMISSÃO EDITORIAL

Ana Miragaya (UNESA)
Felipe da Silva Triani (FAETEC- RJ/ UNESA)
Gabriela Conceição de Souza (IFRJ)
Lamartine Da Costa (UERJ)
Luís Carlos Lira (UFJF)
Marinilza Bruno de Carvalho (UERJ)
Rodrigo Vilela Elias (SME-RJ/FACHA)

REVISÃO

Victoria Barros Moura

ILUSTRADOR

Moisés David de Moura Estevão Furtado

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Evlen Lauer

O material também se apresenta como audiolivro e contempla audiodescrição para acessibilidade de pessoas com deficiência visual (cegueira e baixa visão).

[CLIQUE AQUI PARA ACESSAR O AUDIO LIVRO](#)

APRESENTAÇÃO

A Agenda 2030 propõe 17 objetivos (ODS), incluindo “Educação de qualidade” (ODS 4), “Redução das Desigualdades” (ODS 10), “Saúde e bem-estar” (ODS 3) e “Consumo e produção responsáveis” (ODS 12). Nessa perspectiva, a coletânea “Esporte, inclusão e sustentabilidade” do eMuseu do Esporte busca abordar os ODS tendo como cenário a prática de esportes.

Devido à pandemia da COVID-19, as medidas de isolamento e distanciamento social adotadas como forma de contenção da transmissão do vírus entre as pessoas impuseram a necessidade de ajustes para a manutenção do estilo de vida ativo. O ambiente domiciliar também se tornou propício para a prática de exercícios físicos e esportes, já que as escolas, clubes, e espaços destinados a esses fins tiveram suas atividades interrompidas. Foi necessário criar, recriar, inventar, reinventar e usar a imaginação e a criatividade para se exercitar. Os objetos de casa substituíram os “steps” das academias de ginástica, mantimentos substituíram os halteres, dentre muitos outros.

Mesmo com a pandemia da COVID-19, os megaeventos esportivos como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio ocorreram em datas remarcadas. Os Jogos Olímpicos teriam início no dia 25 de agosto de 2020 e foram adiados para 23 de julho de 2021. Já os Jogos Paralímpicos tiveram a mudança do dia 5 de agosto de 2020 para o dia 24 de agosto de 2021.

Cabe ressaltar que a forma de se referir à competição, quanto ao ano, se manteve para preservação dos ciclos olímpicos, ou seja, em 2021 ocorrem os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, completando sua 32ª edição.

Os Jogos Olímpicos ocorrem desde 1896; sua primeira edição ocorreu em Atenas, na Grécia, e os Jogos Paralímpicos, desde 1960, sediados na cidade italiana de Roma. O ano de 2020 não foi o primeiro em que as datas dos Jogos Olímpicos sofreram alterações por razões de crise mundial. As edições de 1916, 1940 e 1944 também foram canceladas pelas guerras.

São 46 modalidades olímpicas e 22 paralímpicas nos jogos de Tóquio 2020. Na primeira edição dos Jogos Olímpicos em 1896 eram apenas 9 modalidades e na primeira edição dos Jogos Paralímpicos, somente 8.

Com objetividade e comprometimento, este volume da coletânea “Esporte, inclusão e sustentabilidade” do eMuseu do Esporte aborda o basquete nos cenários olímpico e paralímpico - basquete em cadeira de rodas -, apresentando conceitos, histórico, regras, atletas representativos e a construção dos implementos necessários para a sua prática utilizando materiais recicláveis, reutilizáveis e de baixo custo.

Assim como os demais volumes desta coleção, também são apresentados temas relevantes para o desenvolvimento sustentável: respeito pelas individualidades; democratização e popularização do esporte; esporte como ferramenta de inclusão social; sustentabilidade a partir de práticas desportivas; dinâmica social envolvida no esporte, com imersão no “mundo do basquete” conhecendo mais sobre alguns atletas.

Sendo assim, com o objetivo de incentivar a prática esportiva, ressaltando formas de viver mais sustentáveis e inclusivas, a coleção eMuseu do Esporte se propõe a: (a) Difundir e apresentar alguns esportes que compõem os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, incluindo a história, conceitos, regras e biografia de atletas representativos; (b) Apresentar possibilidade de atividades lúdicas relacionadas aos esportes que possam ser facilmente realizadas utilizando materiais recicláveis e/ou de baixo custo; (c) Promover o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e emocionais; (d) Incentivar a consciência ambiental, social e econômica por meio de ações que estimulem a reciclagem e a reutilização de materiais e (e) Explorar as múltiplas identidades que constituem a sociedade multicultural.

As obras que compõem a coleção apresentam atividades de fácil execução, descritas de forma simples e objetiva a fim de ser acessível a todos os leitores. Mas, elas não se caracterizam como manual ou roteiro; as atividades podem ser criativamente adaptadas a cada realidade. Ao final das atividades será possível ter acesso a vídeos demonstrativos com o passo-a-passo para a confecção dos implementos representativos de elementos próprios de cada modalidade. O volume 1 da coletânea está organizada em quatro números abordando os seguintes esportes:

- (1) Atletismo – provas de arremesso de peso, lançamento de disco, lançamento de dardo e lançamento de club
- (2) Esgrima e esgrima em cadeira de rodas
- (3) Basquete e basquete em cadeira de rodas
- (4) Vôlei e vôlei sentado

Para conhecer mais sobre o basquete, também é possível mergulhar em um acervo histórico desse esporte no Brasil desbravando as principais conquistas, campeonatos e ídolos, e artefatos históricos como uniformes e bolas. Todo o acervo digital está disponível no eMuseu do Esporte com a galeria 3D do Basquete, com acesso por meio do link:

eMuseu do Esporte

Esperamos que estes materiais tragam reflexões e mudanças positivas de comportamento, influenciando atitudes voltadas para conservação ambiental, solidariedade, inclusão social e paixão esportiva, e que proporcionem ricas experiências em todos os âmbitos sociais.

OS AUTORES

SUMÁRIO

7	1. O BASQUETE: CONCEITOS E UM BREVE PASSEIO PELA HISTÓRIA
8	1.1 O basquete no Brasil
9	1.2 Regras básicas
10	1.3 Quadra e cesta
11	1.4 O Basquete nos Jogos Olímpicos
11	1.5 O basquete nos Jogos Paralímpicos
12	1.6 Marcos Históricos
15	2. PERSONALIDADES BRASILEIRAS DO BASQUETE
15	2.1 Vileide Almeida
15	2.2 Oscar Schmidt
16	2.3 Norma Pinto de Oliveira
17	2.4 Hortência Marcari
18	2.5 Maria Paula Gonçalves da Silva
18	2.6 Anderson Varejão
19	2.7 Wlamir Marques
20	3. O BASQUETE COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL
21	3.1 Desigualdade de gênero no esporte
22	3.2 Racismo
22	3.3 Pessoas com deficiência
24	4. ENSINANDO A MONTAR: ATIVIDADES DE BASQUETE UTILIZANDO MATERIAIS RECICLÁVEIS, REUTILIZÁVEIS E DE BAIXO CUSTO
25	4.1 Tabela e o cesto de basquetebol
27	4.2 Bola
29	4.3 Atividades
30	BIBLIOGRAFIA

1 O Basquete: conceitos e um breve passeio pela história

O basquete é um esporte coletivo em que participam duas equipes de 12 jogadores, sendo 5 em quadra e 7 na reserva, com o objetivo de marcar pontos realizando as cestas (acertar a bola dentro do cesto) evitando que a equipe adversária faça o mesmo. Conduzem as partidas: dois ou três árbitros, dependendo da competição, oficiais de mesa e um comissário, se estiver presente.

Hoje é um esporte muito difundido pelo mundo e a ideia de sua criação partiu de um professor de Educação Física canadense chamado James Naismith (1861-1940). No período da criação do esporte, James tinha 30 anos e trabalhava na Associação Cristã de Moços de Springfield em Massachusetts, nos Estados Unidos. Recebeu a missão de pensar em algum jogo sem violência que incentivasse os alunos durante o inverno, e que também fosse praticado no verão ao ar livre.

Como o inverno na região era muito intenso, o basquete foi pensado como uma possibilidade para ser praticado em local fechado, funcionando como alternativa diferente dos esportes que praticavam ao ar livre naquela época, como o baseball e o futebol. Além disso, a ideia inicial foi inventar um esporte menos violento que o futebol americano, incentivando a coletividade dos grupos.

A primeira partida oficial de basquete foi disputada em 1892 com uma plateia de aproximadamente 200 pessoas. Foi também em 1892 que as mulheres passaram a ocupar as quadras e participar do esporte, tendo ocorrido somente em 1896 a primeira partida feminina. Senda Berenson (1868-1954) era uma professora de Educação Física, considerada precursora do basquetebol feminino e criadora do primeiro manual sobre basquetebol para mulheres.

A bola tal como conhecemos hoje, com seus 74,9 centímetros de circunferência e 623 gramas de peso, quando usada em esporte

masculino, e, 72,3 centímetros de circunferência e 566 gramas nos jogos femininos, nem sempre teve esse formato e peso. Inicialmente possuía um formato semelhante ao da bola de futebol, que naquele período era feita de couro animal, originando a cor marrom alaranjada das bolas.

O BASQUETE NO BRASIL

O povo brasileiro foi um dos primeiros a praticar o basquete no mundo. Inicialmente o esporte foi mais bem-aceito pelas mulheres e recusado pelos homens, pois consideravam uma prática feminina; esse contexto, movido pelo machismo, atrapalhou a difusão do esporte masculino. Além disso, havia um favoritismo pelo futebol, esporte que possuía maior apreciação masculina.

O basquete, criado em 1891 por James Naismith, canadense e professor de Educação Física, foi estudado por Augusto Shaw, que foi responsável pela difusão do esporte em território brasileiro. Augusto Shaw, natural da cidade de Clayville, Nova York, EUA, se formou em 1892 como bacharel em Artes na Universidade de Yale, e teve ali seu primeiro contato com o basquete.

Atuando como professor no tradicional Mackenzie College, em São Paulo, Augusto mostrava seus livros sobre história da arte e tinha também uma bola de basquete, além do grande desejo de difundir o esporte pelo Brasil, concretizando-se tempos depois.

Augusto, para atrair o interesse de seus alunos sobre o basquete, tentava convencê-los de que não era um jogo de mulheres. Após muita persistência, ele conseguiu montar em 1896 a primeira equipe do Mackenzie College.

Outro professor que contribuiu para a aceitação nacional do basquete foi Oscar Thompson, durante o período em que exerceu a função de diretor de Educação Física na Associação Cristã de Moços (ACM), no Rio de Janeiro.

Os primeiros torneios de basquete ocorreram no Centro do Rio de Janeiro em 1912. Em 1915 foram traduzidas as primeiras regras em português, mesmo ano em que a ACM promoveu o primeiro torneio da América do Sul, do qual seis equipes estavam participando.

Em 1919 foi oficializado o primeiro campeonato pela Liga, que resultou no Flamengo como campeão. O primeiro campeonato Sul-A-

americano de basquete, que inclusive contou com a participação da equipe brasileira, ocorreu no ano de 1930, em Montevideú.

A Federação Internacional de Basquete (FIBA) foi criada em Genebra, na Suíça, em 1932. Desde então, são definidas as regras internacionais de basquete.

A Liga de Basquete Feminino (LBF) foi fundada em 2010, objetivando reestruturar o basquete feminino, tornando-se responsável pelo mais importante campeonato de basquete feminino de elite brasileiro.

REGRAS BÁSICAS

As regras da liga norte-americana de basquete (NBA) e da FIBA são diferentes. A NBA é o maior campeonato da modalidade, que agrupa os melhores atletas do mundo, sendo reconhecida por seu alto nível técnico e físico. Assim, para manter seu padrão acima das demais competições, algumas regras sofrem alterações em relação às regras da FIBA.

Cada partida é dividida em quatro tempos de 10 minutos, de acordo com a FIBA. Já na NBA, a liga americana, são 4 tempos de 12 minutos. Em caso de empates ao final do jogo, ocorrem prorrogações de 5 minutos. Cada cesta de campo vale 2 pontos. Quando é feita antes da linha dos 3 pontos, vale 3 pontos. A cesta de lance livre, que ocorre após uma falta, tem o valor de 1 ponto.

A partida é supervisionada por três árbitros. O jogo tem início com um dos árbitros lançando a bola para cima no meio do círculo central, onde ocorre a disputa pela bola pelos jogadores. Inicia o jogo aquele que tiver conquistado a posse da bola. O manejo da bola deve ser feito somente com as mãos. É proibido, entretanto, caminhar com ela em mãos por mais de dois passos. Deslocamentos maiores com a bola devem ser feitos quicando-a continuamente.

É permitido a um jogador cometer no máximo 5 faltas; na NBA são 6 faltas. Após, o jogador é eliminado da partida. Quando um jogador é marcado, ele só poderá manter a posse da bola por 5 segundos ou menos. Cada equipe tem 24 segundos de posse de bola em cada ataque. Após a equipe passar da linha do meio de campo, não é permitido retornar com a bola ao campo de defesa.

Quadra e cesta

A quadra de jogo possui 28 m de comprimento e 15 m de largura; dentro de toda essa área existem subdivisões, como está representado na figura 1.

Que são:

Linhas laterais: Limitam a área de jogo.

Linhas limites: Também delimitam a área de jogo, porém ficam localizadas atrás dos cestos.

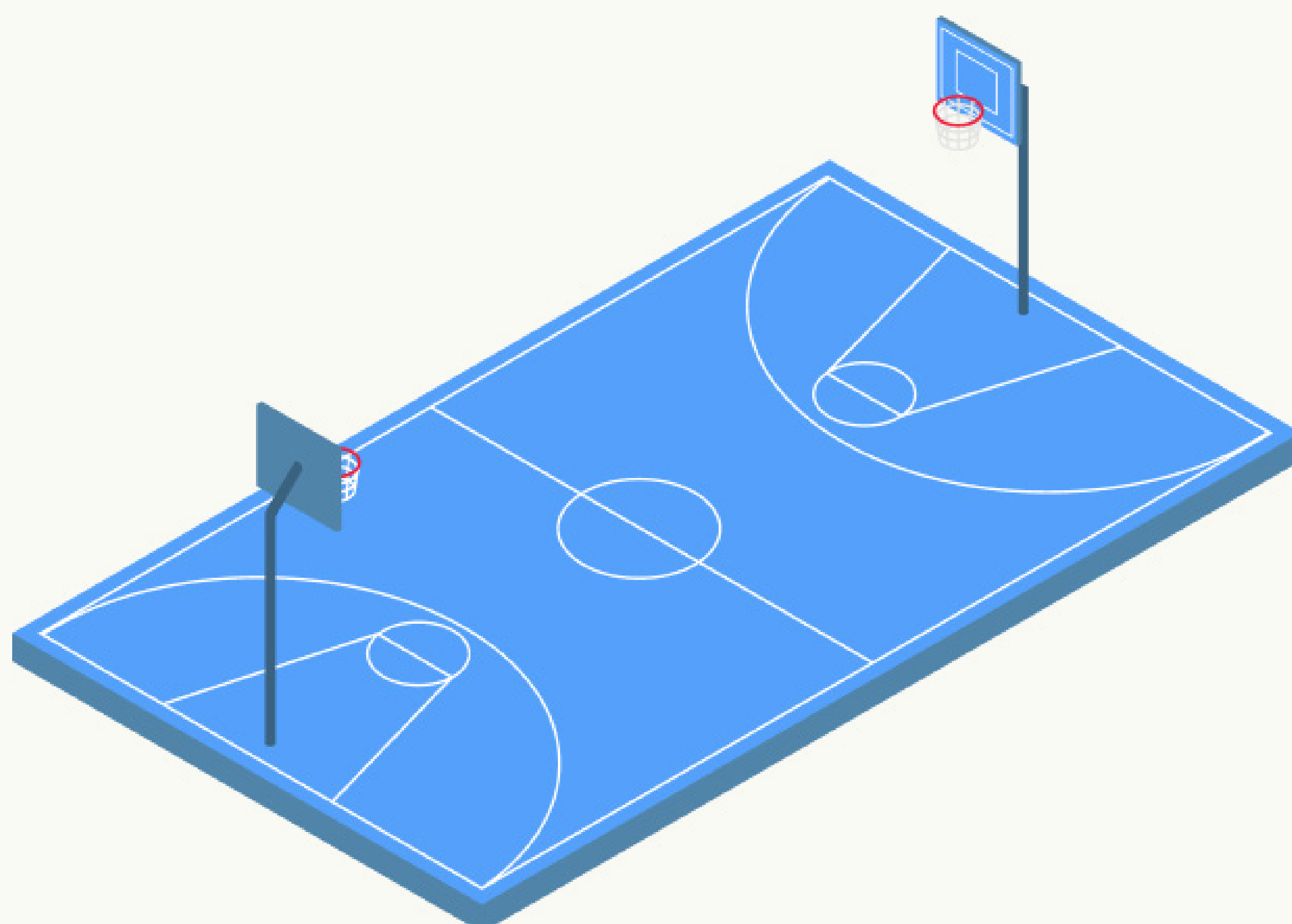
Linha central: Localizada no centro da quadra, dividindo o espaço total em dois iguais.

Círculo central: Acima da linha central está um círculo, que possui cerca de 3,6 metros de diâmetro.

Linha de 3 pontos: Linha em formato de círculo que fica a 6,75 metros de cada cesto. Foi assim denominada pois os lances feitos desse local valem 3 pontos.

Linha de lance livre: Localizada no centro do círculo mais próximo da cesta. É usada quando o jogador sofre falta na hora que tenta arremessar.

Figura 1: Representação da quadra de basquete



Fonte: os autores

O BASQUETE NOS JOGOS OLÍMPICOS

Em 1904 em Saint Louis houve a primeira aparição do basquete nos Jogos Olímpicos, mas como esporte de exibição. A primeira competição de basquete masculino nos jogos ocorreu em Berlim, em 1936. Somente nos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976, 40 anos depois, aconteceu a primeira competição olímpica de basquete feminino. Cabe destacar que a seleção brasileira de basquete feminino somente estreou nos Jogos de Barcelona em 1992.

Nas duas primeiras edições do basquete feminino nas Olimpíadas, quem ficou no lugar mais alto do pódio foi a União Soviética, depois os Estados Unidos da América (EUA) ficaram à frente por anos. O país que mais se destaca no basquete nos Jogos Olímpicos é os EUA.

Em 1980, os EUA boicotaram os Jogos Olímpicos de Moscou. O placar final revelava a derrota da Itália pela Iugoslávia com placar de 80 a 77. Em Seul no ano de 1988, no masculino, os EUA pela primeira vez foram eliminados antes da final dos Jogos Olímpicos pelos soviéticos que no final levaram o ouro.

Foi também nos jogos de Barcelona em 1992, que os EUA tiveram autorização de colocar os jogadores da NBA, dando origem ao Dream Team que contou com 3 estrelas do basquete: Larry Bird, Michael Jordan e Magic Johnson. O resultado foi a vitória do time em todos os jogos e conquista do ouro sobre a Croácia por 117 a 85.

Em 2004, o ouro foi para a equipe argentina, que era liderada por Manu Ginóbili, tendo eliminado os EUA na semifinal. Essa foi a única eliminação dos Estados Unidos depois do Dream Team. Desde os Jogos de Pequim 2008, ou seja nos jogos de Londres 2012, Rio 2016, e de Tóquio 2020 as equipes dos EUA conquistaram todas as medalhas de ouro.

O BASQUETE NOS JOGOS PARALÍMPICOS

- Deficiência: física.
- Praticado em cadeira de rodas.
- Equipes masculina e feminina, com cinco atletas em quadra.
- Quadra e cesta: semelhante ao basquete olímpico
- Partida: quatro quartos de 10 minutos cada.
- Regras: semelhante ao basquete olímpico com algumas adaptações.

- Exemplos: classificação funcional dos atletas e a cada dois toques na cadeira o jogador deve quicar, arremessar ou passar a bola. O tamanho da quadra e a altura da cesta são os mesmos do basquete olímpico.
- Classificação funcional: os atletas são divididos em classes que variam de 1 (maior comprometimento físico-motor) a 4,5 (menor comprometimento físico-motor). Em quadra, o somatório da pontuação dos 5 atletas não deve ultrapassar 14.

O basquete em cadeira de rodas foi uma das primeiras modalidades adaptadas para pessoas com deficiência. Na Inglaterra, a sua prática fazia parte da reabilitação dos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, no hospital de Stoke Mandeville, sob supervisão do médico neurocirurgião Ludwig Guttmann. Nessa mesma época também havia praticantes nos EUA.

1.3 MARCOS HISTÓRICOS

1892

O basquete foi criado em 1891 por James Naismith.

Foi disputado o primeiro jogo oficial de basquete e teve uma plateia média de 200 pessoas.

1919

Em 1919 foi oficializado o primeiro campeonato brasileiro pela Liga, em que o Flamengo venceu.

1932

A Federação Internacional de Basquete (FIBA) foi criada em Genebra, na Suíça, em 1932.

1933

Fundação da Confederação Brasileira de Basketball (CBB)

1936

Em Berlim ocorreu a primeira aparição do basquete em Jogos Olímpicos.

1948

Em 1948 a seleção brasileira masculina de Basquete conquistou o bronze nos Jogos Olímpicos de Londres.

1954

Primeiro título da Seleção Brasileira feminina (Sulamericano do Brasil)

1958

Primeira partida de basquete em cadeira de rodas no Brasil.

1959

Em 1959 ocorreu no Chile a primeira conquista de Mundial do basquete masculino.

1960

1960 foi o ano da conquista de bronze da seleção brasileira de basquete masculino nos Jogos Olímpicos de Roma sob treinamento do técnico Togo Renan Soares, mais conhecido como Kanela¹.

1963

Brasil Bicampeão Mundial masculino

1964

Ocorreu a conquista de bronze da seleção masculina de basquetebol no Jogos Olímpicos do Japão

1972

Estreia da seleção brasileira masculina de basquete em cadeira de rodas em Jogos Paralímpicos, em Heidelberg, Alemanha.

¹importante técnico para seleção brasileira de basquete, dentre suas contribuições e principais títulos há também os campeonatos mundiais de 1959 e 1963.

1976

Ocorreu o primeiro torneio feminino de basquete nos Jogos Olímpicos de Montreal.

1987

Conquista de ouro da seleção brasileira masculina de basquete nos Jogos Pan-Americanos que ocorreram na cidade de Indianápolis, nos EUA.

1994

Brasil Campeão Mundial feminino

1996

Estreia da seleção brasileira feminina de basquete em cadeira de rodas em Jogos Paralímpicos, em Atlanta, Estados Unidos.

Medalha de Prata da seleção feminina nos Jogos Olímpicos de Atlanta

1997

Fundação da Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas (CBBC).

2000

Conquista da medalha de bronze pela seleção feminina brasileira de basquete nos Jogos Olímpicos de Sydney, na Austrália.

2001

Foi o ano em que Oscar Schmidt fez um marco histórico no basquete; foi recorde mundial ao atingir 46.725 mil pontos, ultrapassando o americano Kareem Abdul-Jabbar.

2016

Melhores colocações brasileiras no basquete em cadeira de rodas em Jogos Paralímpicos: 5º lugar; no masculino e 7º lugar no feminino, no Rio de Janeiro, Brasil.

2 Personalidades do basquete brasileiro

2.1. VILEIDE ALMEIDA

Confederação Brasileira de Basketball



Vileide Almeida, a Vivi, é uma atleta paraense de basquete em cadeira de rodas. Em 2019 foi eleita a melhor atleta de basquete em cadeira de rodas do ano, no Prêmio Paralímpico realizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

O esporte começou a fazer parte de sua vida aos 15 anos de idade, após um convite de um amigo. Inicialmen-

te, houve uma certa resistência pois achou o jogo violento, mas não demorou muito tempo para aceitar o desafio e se tornar uma atleta.

Vivi possui uma trajetória de sucesso pela seleção brasileira. Conquistou três medalhas de bronze em Jogos Parapanamericanos: Guadalajara (2011), Toronto (2015) e Lima (2019).

Aos 12 anos de idade foi picada por uma cobra venenosa no pé esquerdo e precisou retirar parte do tendão, acidente que lhe causou atrofia na perna esquerda, tornando-a elegível para o esporte.

2.2. OSCAR SCHMIDT

Confederação Brasileira de Basketball



Nascido em 1958 na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, Oscar sempre foi incentivado a praticar esportes, porém somente quando mudou para Brasília o basquete entrou na vida do jovem atleta de 13 anos. Aos 19 anos foi eleito o

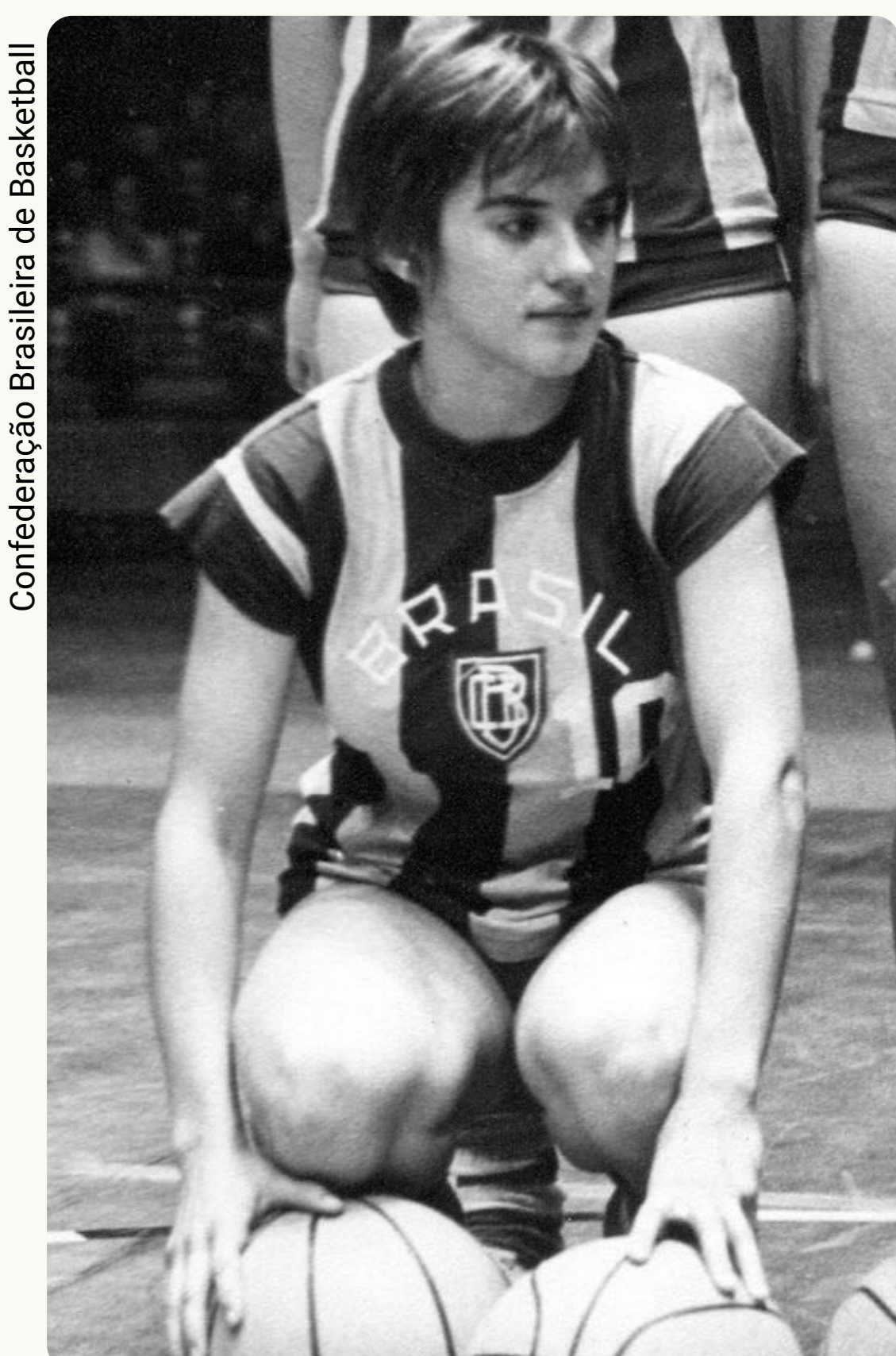
melhor pivô do sul-americano juvenil e, assim, garantiu vaga na seleção brasileira adulta, que viria a ser campeã sul-americana e medalhista de bronze no campeonato mundial em 1978.

Em 1980, disputou sua primeira olimpíada em Moscou. O Brasil ficou em 5º lugar e Oscar anotou 196 pontos. Com ótimos desempenhos jogando no Brasil e pela seleção, em 1982 foi jogar na Itália. Oscar jogou por 11 temporadas anotando 13.957 pontos, tornando-se o primeiro jogador a ultrapassar os 10 mil pontos no campeonato italiano.

Na sua segunda Olimpíada em Los Angeles 1984, foram mais 169 pontos pela seleção. Esse desempenho despertou o interesse de um time da NBA, mas, para não perder o status de jogador amador e poder continuar participando das Olimpíadas, Oscar negou a proposta. Após alguns anos na volta de Oscar para os EUA, em 1987, o Brasil conquistou a medalha de ouro vencendo a seleção americana, a maior potência na modalidade.

Oscar se destaca no posto de maior cestinha da história das Olimpíadas, com 1093 pontos, e da história do basquete, com 49,737 pontos. Oscar também divide com Teófilo e Andrew Gaze a marca de maior número de participações de um jogador de basquete em Olimpíadas, tendo participado dos jogos de Moscou em 1980, Los Angeles em 1984, Seul em 1988, Barcelona em 1992 e Atlanta no ano de 1996. O atleta recebeu um apelido carinhoso de “mão santa” por sua habilidade e pontaria em realizar cestas.

2.3. NORMA PINTO DE OLIVEIRA



Confederação Brasileira de Basketball

Norma, mais conhecida como “Norminha”, nasceu em Buenos Aires, na Argentina, e veio para o Brasil aos 11 anos de idade. Representa boa parte da história do basquete feminino brasileiro. Se inspirou em seus pais para seguir a vida de atleta.

Junto de suas equipes conquistou muitos prêmios em campeonatos, dentre eles a medalha de bronze no Mundial de 1971, prata nos Jogos Pan-americanos de 1963 e os ouros, também nos Pan-americanos de 1967 ocorridos em Winnipeg, Canadá e em Cali (Colômbia) no ano de 1971, mesmo campe-

onato em que a seleção brasileira masculina também conquistou ouro, caracterizando a “dobradinha”.

Além disso, conquistou seis Campeonatos Sul-Americanos nos anos 1960 e 1970. Faltou disputar uma Olimpíada, não conseguiu apenas por não ser considerada brasileira naturalizada.

A atleta passou a ficar internacionalmente conhecida em 1965, período em que a seleção Brasileira havia sido convidada pela Federação Internacional de Basquete aos amistosos contra Tchecoslováquia, atual República Tcheca, em Madri, na Espanha, que contribuiu com a inclusão do basquete feminino nos Jogos Olímpicos. Foi considerada uma das cinco melhores jogadoras do século XX em uma eleição internacional, em 2000. Mesmo se destacando em quadra aos 38 anos de idade, Norminha preferiu se aposentar como jogadora.

2.4. HORTÊNCIA MARCARI

Confederação Brasileira de Basketball



Hortência de Fátima Marcari nasceu no estado de São Paulo, no município Potirendaba, em 1959. Fez história no esporte e se destacou por seus resultados, tendo conseguido conquistas importantes. Em 2002, passou a fazer parte do Hall da Fama do Basquetebol Feminino, dos Estados Unidos e em 2005 do The Naismith Memorial Basketball Hall of Fame.

Entre outras conquistas, a ex-atleta foi campeã sul-americana nos campeonatos:

Bolívia – 1978, Brasil – 1986 e Chile – 1989, medalhista de bronze nos Jogos Pan-americanos de Caracas em Venezuela, 1983; recebeu prata nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis nos EUA, 1987; ouro nos Jogos Pan-americanos de Havana em Cuba em 1991; e bronze no Pré-Olímpico de Vigo na Espanha, 1992. Além disso, ao longo de sua carreira, Hortência Marcari conquistou o Mundial de 1994, na Austrália, e recebeu também medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atlanta (Estados Unidos), em 1996.

Hortência Marcari entrou para o Hall da Fama 2019 do Comitê Olímpico do Brasil (COB). Além disso, ela é considerada a maior pontuadora da história da seleção, por conquistar 3.160 pontos em 127 partidas oficiais, média de 24,9 pontos por partida, e também participou de 4 campeonatos mundiais.

2.5. MARIA PAULA GONÇALVES DA SILVA

Confederação Brasileira de Basketball



Nascida em 11 de março de 1962 em Osvaldo Cruz, São Paulo, Maria Paula sempre teve apoio de sua família na prática esportiva. Sua irmã, que já era jogadora de basquete, pediu para o seu técnico na época que sua irmã mais nova pudesse treinar com ela. Após alguns meses de insistência, Paula começou a praticar a modalidade que a deixou mundialmente famosa. Sua evolução foi tão rápida que, aos 14 anos, Paula foi convocada pela primeira vez para a

seleção brasileira adulta, se tornando a atleta mais nova da história a ser convocada. O apelido icônico de “Magic Paula”, dado pelo jornalista Juarez Araújo, veio também pelo seu desempenho extraordinário nas quadras.

Na história de conquistas de Magic Paula pelo Brasil tiveram a medalha de bronze em Caracas 1983, prata em Indianápolis 1987 e o ouro no Pan de Havana 1991, uma das fases de maior sucesso da seleção. Nos anos 90, vieram os maiores títulos de sua carreira, o campeonato mundial de seleções realizado na Austrália em 1994 e a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996.

Em 2006 Paula passou a integrar o Hall da Fama do Basquete Feminino e em 2013 entrou para o Hall da Fama da Federação Internacional de Basquete (FIBA). Paula também se destaca fora das quadras; em 2004, fundou o Instituto Passe de Mágica que oferece atividades para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

2.6. ANDERSON VAREJÃO

Anderson Varejão, mais conhecido como Varejão, nasceu em Espírito Santo no ano de 1982. É atleta brasileiro de basquete que teve uma respeitada passagem na NBA. Jogou em 5 Copas do Mundo integrando a seleção brasileira, participou de uma Olimpíada e foi campeão nos jogos Sul-Ameri-



Confederação Brasileira de Basketball

cano, conquistando ouro em Montevideo no ano de 2003, conquistou ouro no ano de 2003 no Pan-Americano em Santo Domingo e na Copa América conquistou junto à equipe dois ouros em Santo Domingo 2005 e San Juan 2009. Na posição de pivô, foi o primeiro jogador brasileiro a seguir do basquete brasileiro para um clube estrangeiro de elite, na organização da FIBA. Ele participou do Draft da NBA em 2004. Jogou na NBA por 13 temporadas seguidas, 12 das quais atuou pelo Cleveland Cavaliers (Cavs, equipe americana de basquete profissional) entre 2004 e 2016, em que se tornou ídolo da torcida. Pela franquia, adquiriu 3.485 pontos, 5.834 rebotes, 529 roubos de bola, 709 assistências e 397 tocos. Varejão deixou o Cleveland Cavaliers em 2016, como o sétimo atleta que mais atuou pela equipe, com 591 jogos. No mesmo ano, Varejão se tornou o primeiro jogador a ter defendido os dois finalistas da NBA no mesmo ano e, também, foi classificado como o brasileiro pioneiro a estar em três finais da NBA; além disso, o primeiro brasileiro vitorioso em duas conferências da NBA.

2.7. WLAMIR MARQUES



Wlamir Marques nasceu em São Vicente, São Paulo em 1937, fez parte da famosa “geração de ouro” do basquete. Como jogador participou de 4 Jogos Olímpicos os de 1956, 1960, 1964 e 1968. Pela Seleção Brasileira, foi bronze nas Olimpíadas de Roma 1960 e de Tóquio em 1964, quando, inclusive, foi porta-bandeira da delegação brasileira na cerimônia de abertura. Além disso, foi duas vezes campeão mundial, tanto em 1959 em Santiago, no Chile, quanto em 1963 no Brasil, no Rio de Janeiro, além de ter sido duas vezes vice-campeão, em 1954 e 1970.

Dentre as premiações que o atleta conquistou, foi o primeiro atleta do basquete masculino do Brasil a entrar para o Hall da Fama do Comitê Olímpico do Brasil, foi premiado com o Cruz do Mérito Esportivo em 1953, recebeu Troféu Heims de Melhor Atleta da América do Sul em 1961 e a Medalha do Mérito Esportivo pelo Governo do Estado de São Paulo em 2011.

3 O basquetebol como ferramenta de inclusão social

VOCÊ SABE O QUE É INCLUSÃO?

Incluir é tornar um ambiente favorável para que todas as pessoas possam conviver, permitindo que as diferenças coexistam. Existem diferenças de classe social, de gênero, de raça, étnicas, religiosas, de idade, e muitas outras.

Quando uma pessoa deixa de brincar ou jogar com outra, só porque considera que essa pessoa não sabe brincar ou jogar, nesse momento estamos diante de uma situação de exclusão. É claro que ninguém gosta de ser excluído; afinal, o legal é poder brincar, correr, pular, saltar, arremessar, sem que ninguém nos prive disso.

Existem pessoas de diferentes estaturas, pesos, cores de pele, olhos, tipo de cabelo, uns correm mais, outros menos; uns jogam mais alto, outros não tem muita força, algumas pessoas são boas em organizar estratégia de jogo, uns têm mais habilidades cognitivas, outras mais motoras; existem pessoas com deficiência e outras sem, por exemplo.

Todos são diferentes e isso torna rica a convivência, pois é com o diferente e inédito que aprendemos, se todos fôssemos iguais não teria sentido. Mas as desigualdades são inegáveis; algumas pessoas têm fácil acesso a determinado esporte, enquanto outras nem ao menos os conhecem. Se as diferenças criam relações desiguais, essas relações do cotidiano precisam ser questionadas.

Situações de exclusão, de bullying, preconceito e violência fazem parte do cotidiano em diferentes espaços, às vezes por questões de gênero, classe, religião, etnia, raça, nível de habilidade, e outras; mas isso não pode ser naturalizado. Devemos estar atentos para evitar ao máximo que isso aconteça; afinal, valorizar as diferenças é mais importante do que somente aceitá-las.

A INCLUSÃO É UM COMPROMISSO DE TODOS PARA TODOS.

Como um esporte, como o basquete, pode contribuir para mudar o cenário de exclusão e facilitar a inclusão social?

- Validando a diversidade e reconhecendo a riqueza existente nas diferentes culturas e identidades.
- Compreendendo este como um possível espaço cooperativo, em que a solidariedade o respeito e valorização das individualidades devem existir.
- Sendo um espaço representativo, acolhedor e pluralista.

DESIGUALDADE DE GÊNERO NO ESPORTE

Como na maioria dos esportes, o basquete evidenciou momentos de exclusão por questões de gênero. A própria implementação do esporte no Brasil se iniciou com preconceito por ser considerado uma prática feminina, tendo sido menos apreciado pelos homens só por inicialmente associarem à prática que iria ferir a masculinidade.

Ainda assim, historicamente, as meninas e mulheres tiveram seus direitos privados em diferentes espaços, e no esporte não foi diferente. Houve um período de proibição de prática de algumas modalidades esportivas como futebol, futsal e polo aquático feminino do ano de 1941 até 1979. Esse período de proibição gerou consequências para que a inserção da mulher no esporte acontecesse efetivamente.

Elas passaram a sofrer preconceitos, receber menos investimentos, ter menor visibilidade da mídia, o que acontece até os dias atuais. Para se ter uma ideia, o polo aquático teve a primeira participação masculina em 1900 na edição de Paris na França, tendo a Inglaterra conquistado o ouro. Já a feminina somente entrou nos jogos 100 anos depois em Sydney, na Austrália, com as anfitriãs conquistando a medalha de ouro.

O basquete não foi uma modalidade proibida para as mulheres, mas, ainda assim, principalmente depois da difusão do esporte, elas enfrentaram muitas barreiras, presenciando ações de exclusão e preconceito.

As oportunidades para prática esportiva de meninas e mulheres são marcadas por desigualdades da prática recreativa ao esporte de alto rendimento. Isso gera consequências na ocupação por mulheres em cargos e espaços, contribuindo para que tenham menos atletas, treinadoras ou árbitras, até mesmo na Liga de Basquete Feminino.

No caso das meninas e mulheres, elas necessitam compreender que há diferenças entre cada pessoa, mas que isso não as torna superiores ou inferiores. Uma menina deve ser incentivada a fazer o que quiser, assim como um menino é ou deve ser, e a autonomia e a coragem sempre devem ser enaltecidas. Além disso, toda a sociedade deve adotar ações que contribuam para redução das desigualdades, preconceitos e discriminações que afetam principalmente as minorias ou os excluídos.

RACISMO

O racismo ainda é um tema que precisa ser mais debatido, e não deve mais ser tratado apenas em datas comemorativas ou eventos esportivos; ainda mais por ser uma prática que ocorre nas principais competições esportivas, demonstrando que a sociedade ainda precisa pensar em formas de superar o racismo e colocar todas as pessoas em situação de equidade. Nesse sentido, é importante ressaltar que existem leis que estabelecem a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas, como a lei 11.645/2008, que reforça a importância da valorização da rica cultura desses povos.

No caso do basquete, existe o basquetebol de rua que representa um movimento de resistência e contestação ao preconceito que sofrem os jogadores negros proibidos de participar da liga norte americana de basquetebol, por exemplo.

Além disso, há a equipe The Harlem Globetrotters, que tratam com diferente importância as regras esportivas, com a ideia de realizar um esporte de exibição e mostrar a arte do basquete, com dribles nos companheiros de equipe e, principalmente, muitas brincadeiras

com o público. Seu surgimento aconteceu no início dos anos de 1930, a partir do enfrentamento de barreiras impostas pelo racismo, dentre outras contribuições, ajudando a criar a NBA e a difundir o esporte pelo mundo.

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Pessoas com deficiência podem praticar esportes? Certamente! Mas, para que isso ocorra, algumas adaptações podem ser necessárias para atender às demandas de cada pessoa. Estrutura e espaços, materiais, regras, políticas públicas, acessibilidade, entre muitas outras questões devem ser pensadas para tornar a prática de esportes possível, sem desvantagens e em uma perspectiva mais inclusiva.

A prática do basquete em cadeira de rodas pode ser vista como uma porta de reentrada do sujeito na sociedade, pois é também através dela que muitos desses cidadãos retomam seus ideais e sonhos, buscando, assim, o reconhecimento da própria história através do esporte. E claro, não apenas as pessoas com deficiência se beneficiam com essa inclusão, mas a sociedade como um todo.

4 Ensinando a montar: atividades de basquete utilizando materiais recicláveis, reutilizáveis e de baixo custo

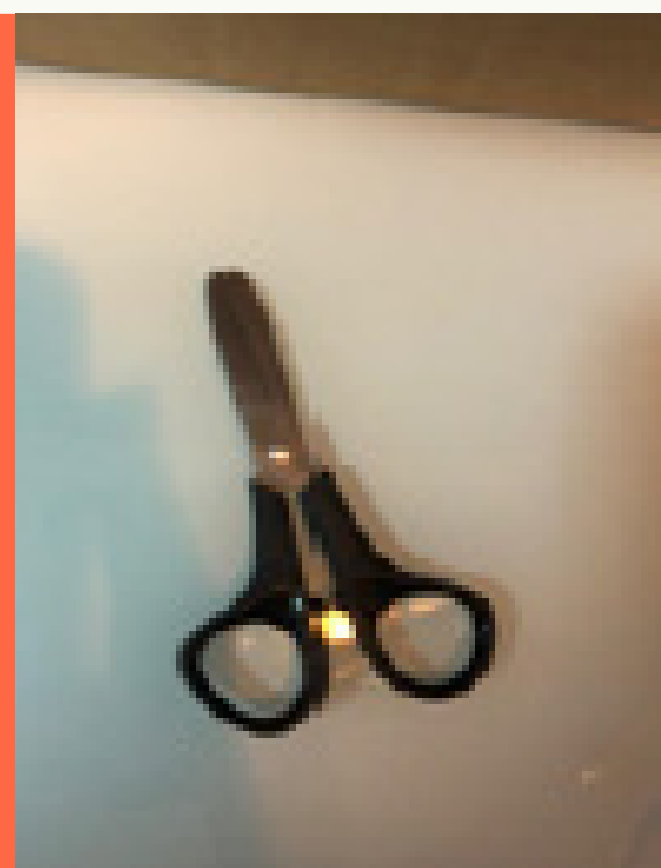
Você sabia que é possível praticar basquete em casa com materiais que provavelmente seriam jogados no lixo? Sim, é verdade. Além de ser uma tarefa divertida, é uma maneira de reduzirmos a produção de lixo, que é um grande desafio para todos os países.

Em todo o mundo, milhares de toneladas de lixo são produzidas diariamente, gerando um grande impacto ambiental, além de problemas sociais, econômicos e de saúde. O Brasil é o quarto país no mundo que mais produz lixo e, por isso, todos precisam fazer a sua parte para mudar esse cenário. A mudança deve ser individual e coletiva, e deve incluir toda a população, desde crianças até os mais idosos. Só assim poderemos garantir um mundo melhor e mais sustentável para a atual e futuras gerações.

A seguir, vamos ensinar a construir a tabela, a cesta e a bola para a prática do basquete utilizando materiais de baixo custo, recicláveis e reutilizáveis que, nas aulas de Educação Física, por exemplo, poderia ser uma proposta sugerida pelo professor, mas não sendo esta a única alternativa de ensino da modalidade. Afinal, o ideal é que o material didático seja disponibilizado pela escola. A utilização de materiais reciclados e a pedagogia da sucata são importantes quando trabalhadas de forma opcional, não obrigatória por questão de desinvestimento na educação. Aqui serão expostas apenas algumas ideias dentre uma infinidade de possibilidades. Basta usar a criatividade e deixar a imaginação te levar!

4.1. TABELA E O CESTO DE BASQUETEBOL

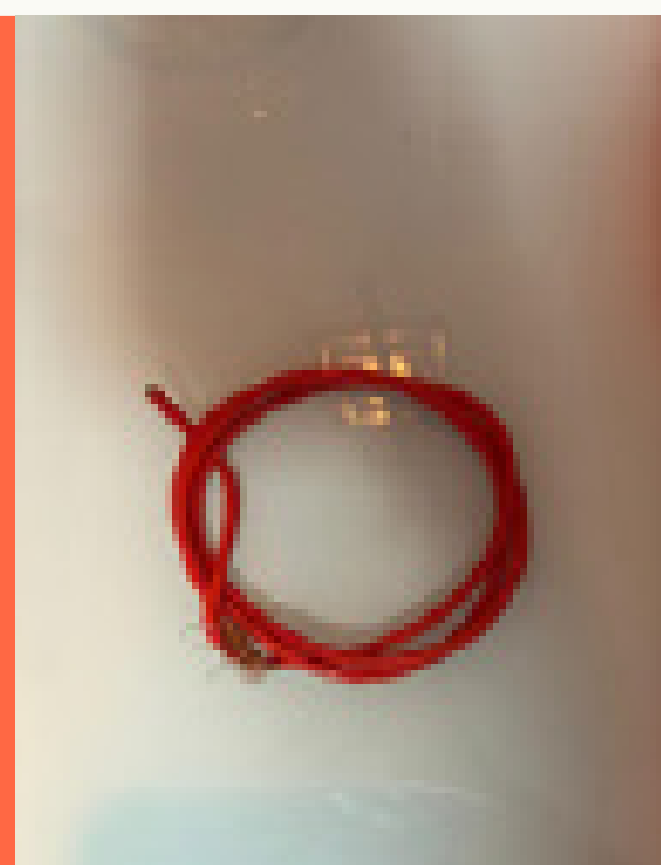
Materiais necessários para a construção da tabela e da cesta de basquetebol



TESOURA



SACO DE LEGUMES OU FRUTAS
(exemplos: batata, cebola, alho, laranja)

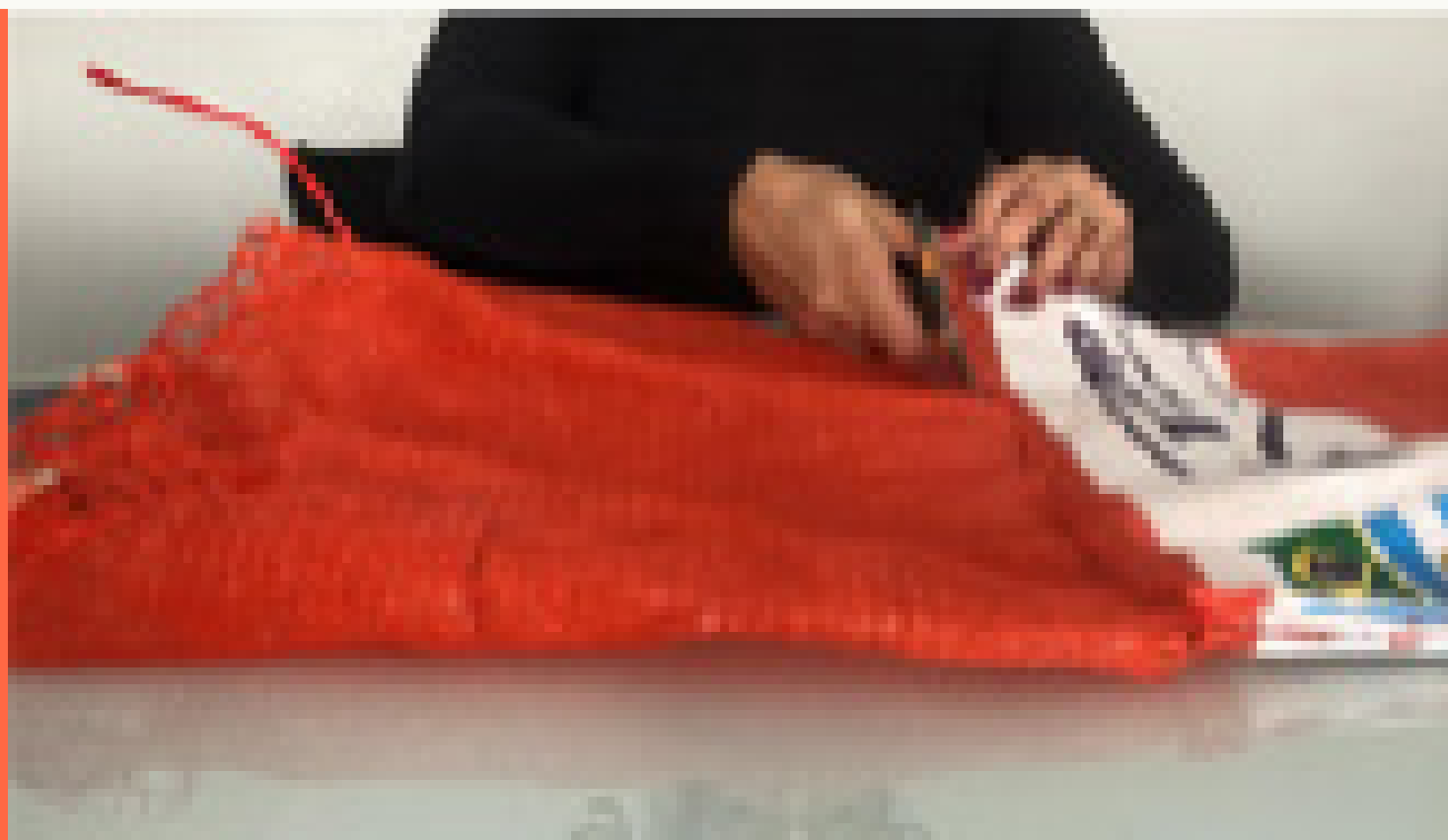


FIO OU ARAME



PAPELÃO
(exemplos: caixa de sapato, caixa de sabão em pó)

Construindo a tabela e a cesta



Para a construção da cesta, pegue a tesoura e corte o fundo do saco de legumes.



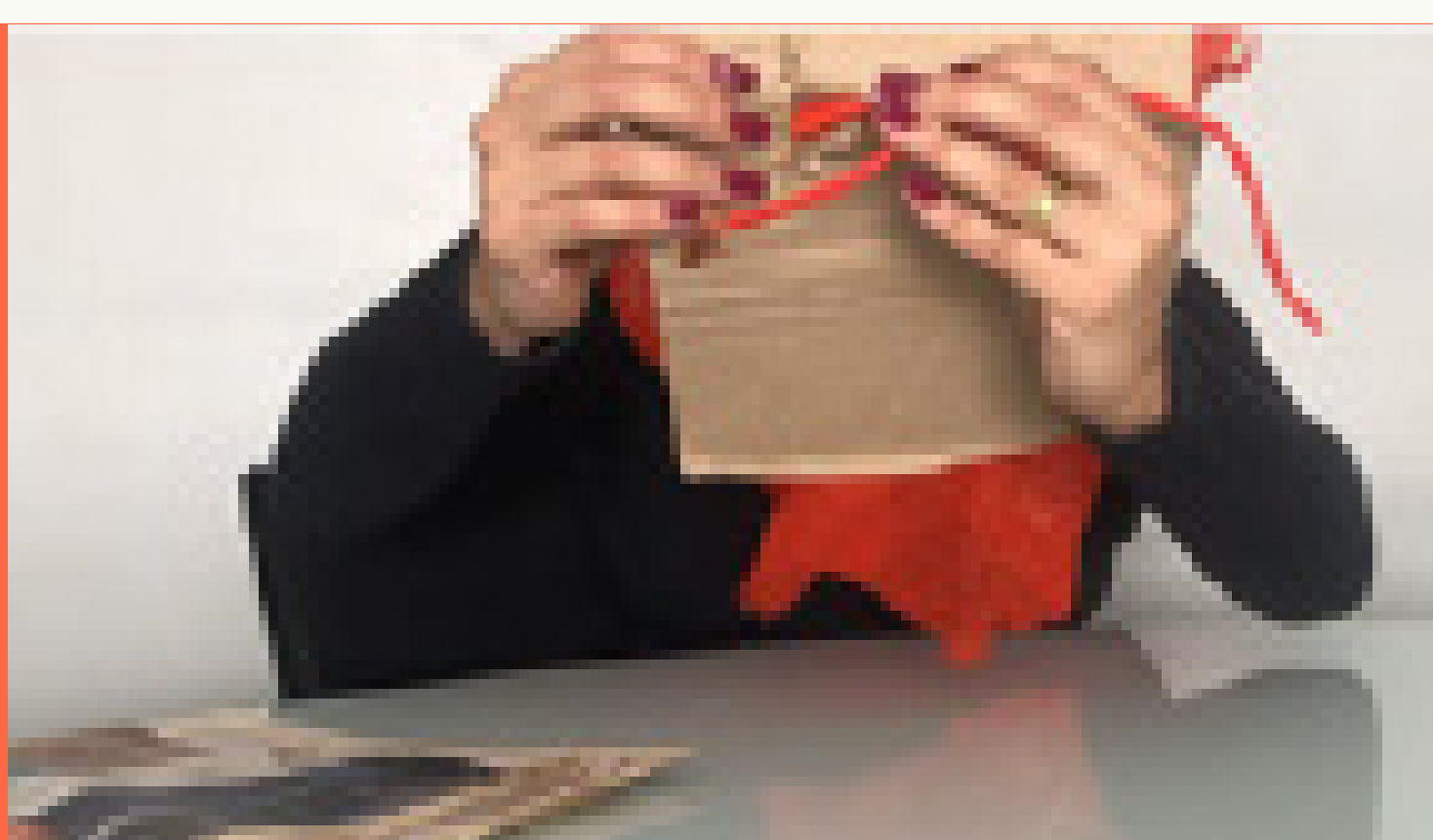
Agora, com o saco de legumes já cortado, passe o fio ou arame pela borda, fazendo um zigue-zague por dentro e por fora.



Pegue a caixa de papelão e corte-a em formato retangular.



Faça dois pequenos cortes no centro do retângulo.



Passe o fio ou arame por entre os cortes e amarre a cesta.



Pronto! Já criamos nossa tabela e a nossa cesta!



Acesse o QR Code para assistir o passo-a-passo para a construção da tabela e da cesta

OU

[CLIQUE AQUI](#)

para assistir o vídeo

4.2 BOLA

Materiais necessários para a construção da bola



GARRAFA PET CORTADA AO FUNDO

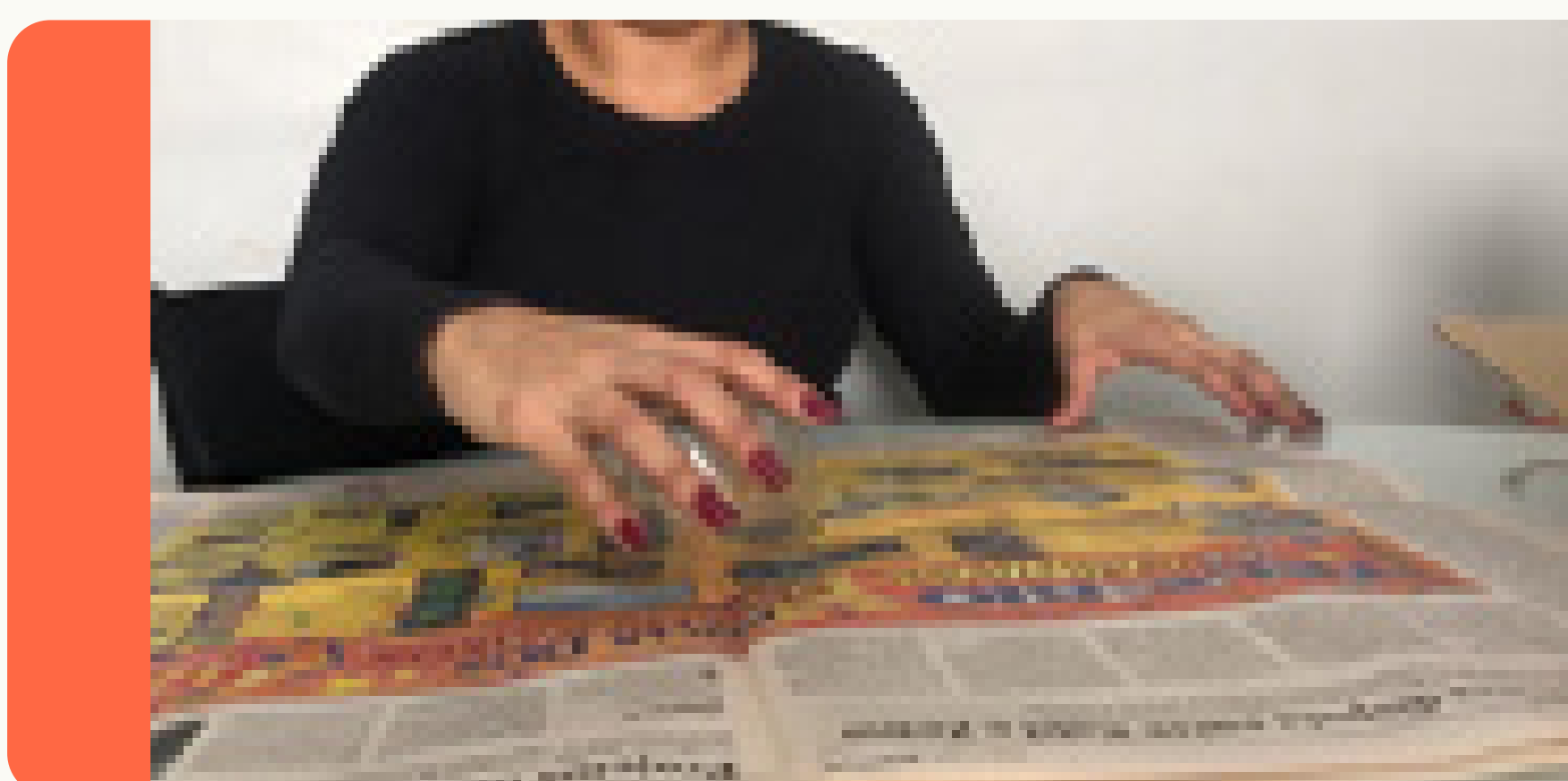


FITA ADESIVA OU CREPE

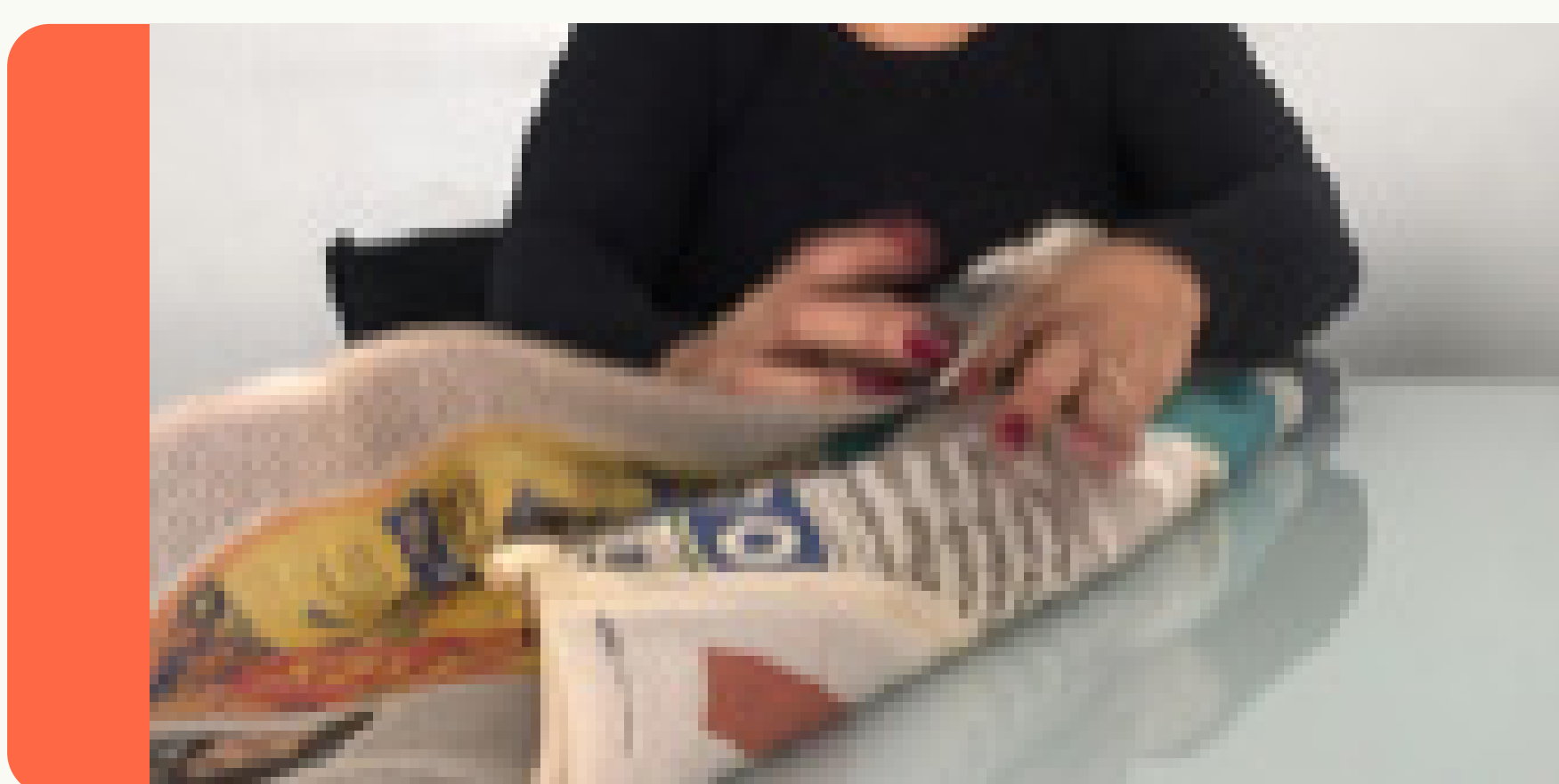


JORNAL

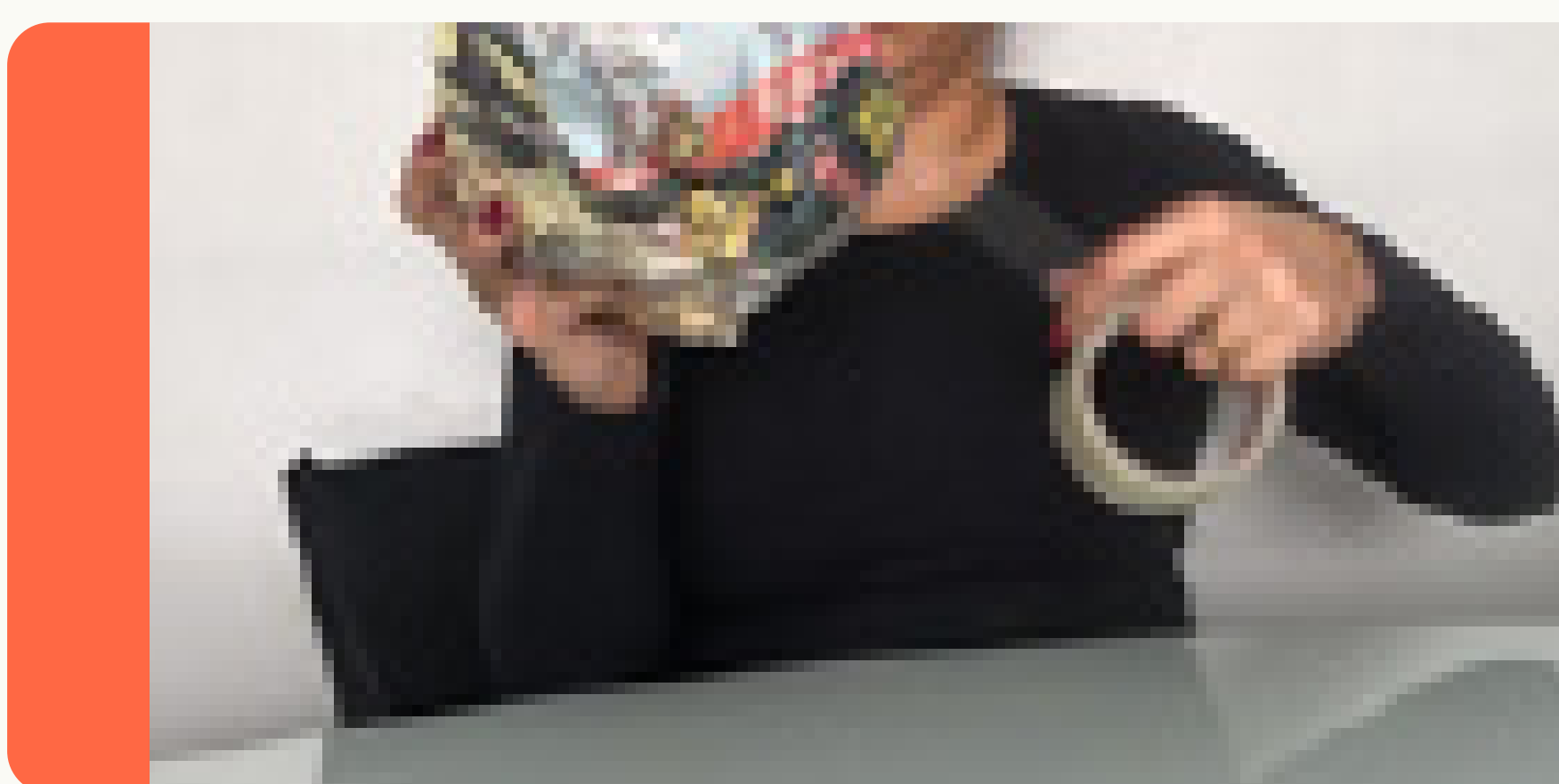
Constuindo a bola



Para a construção da bola, coloque o fundo da garrafa PET cortada no centro das folhas de jornal.



Enrole o jornal até obter o formato de uma bola.



Use a fita adesiva para modelar a bola, amassando o jornal até que fique firme e no formato desejado.



Nossa bola construída com jornal e garrafa PET está pronta!



Tabela, cesta e bolas prontas!

4.3 ATIVIDADES

Atividade 1: arremessando a bola

Lançar a bola em direção ao cesto de diferentes maneiras: com a mão direita, com a mão esquerda, com as duas mãos, por cima da cabeça, lateralmente, parado, em movimento, com giro, sentado, com os olhos vendados, entre outros.

Atividade 2: cesta numerada

Arremessar a bola em direção ao cesto, partindo de diferentes distâncias. Quanto maior a distância, maior a pontuação obtida no arremesso. Como variação, o arremesso pode ser feito na posição sentada, porém sem alterar a altura da tabela, se aproximando da vivência do basquete em cadeira de rodas.

REFERÊNCIAS

BALASSIANO, Fábio. Bola na cesta. Personagens do Basquete Brasileiro: Maria Helena Cardoso (Parte I.) 27 de jul de 2016. Disponível em: <https://balanacesta.blogosfera.uol.com.br/2016/07/27/personagens-do-basquete-brasileiro-maria-helena-cardoso-parte-i/> Acesso em: 09/01/2021.

BRASILESCOLA. Basquetebol: história e regras. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao-fisica/basquetebol.htm> Acesso em: 25 de maio de 2021.

CARDIA, Gabriel Fernando Esteves; PEREIRA, Pedro Henrique Miani; CUMAN, Roberto Kenji Nakamura. O basquetebol em cadeira de rodas e sua possibilidade quanto à inserção social: uma revisão integrativa . EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, nov de 2015.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/> Acesso em: 06/03/2021.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/faq> Acesso em: 02/03/2021.

DA REDAÇÃO. Hortência relembra o dia em que Fidel se rendeu ao Brasil. Veja. Nov. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/hortencia-relembra-o-dia-em-que-fidel-se-rendeu-ao-brasil/> Acesso em: 02/06/2021.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE BASQUETE AMADOR-FIBA. Regras oficiais de basquetebol 2020: interpretações oficiais. In: Departamento de Arbitragem da Confederação Brasileira de Basketball. Versão oficial em português traduzida e revisada. Rio de Janeiro: CBB; 2020. Disponível em: <https://www.cbb.com.br/wp-content/uploads/Regras-Oficiais-de-Basketball-FIBA-2020-Traduzida-para-Portugues.pdf>

GALATTI, Larissa Rafaela; MARQUES FILHO, Cesar Vieira; SANTOS, Yura Yuka Sato dos; WATONIKI, Guilherme; KORSAKAS, Paula; MERCADANTE, Luciano Allegretti. Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira: Um estudo com a liga de basquete feminino (LBF). Revista Movimento, v. 27, 2021.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira: um estudo com a liga de basquete feminino (LBF). Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. e27014, fev. 2021.

GIGLIO, Sergio Settani et al. Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). Recorde: Revista de História do Esporte, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2018.

MAIA, Pedro; CAMPOS, Bruna. Picada por cobra na infância, Vivi encontrou no basquete auto-estima e algumas medalhas. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/parapan/noticia/picada-por-cobra-na-infancia-vivi-encontrou-no-basquete-auto-estima-e-algumas-medalhas.ghtml>. Acesso em: 18/04/2021.

MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. Esporte Paralímpico. São Paulo: Atheneu, 2012.

OSCARSCHMIDT14. Atleta. Disponível em: <https://www.oscarschmidt14.com/atleta> Acesso em: 04/03/2021.

PASSERO, Julia Gravena et al. Gender (in) equality: a longitudinal analysis of women's participation in coaching and referee positions in the Brazilian Women's Basketball League (2010-2017). Cuadernos de Psicología del Deporte, v. 19, n. 1, p. 252-261, 2019. Disponível em: <https://revistas.um.es/cpd/article/view/348611>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PLATAFORMA AGENDA 2030. A Integração dos ODS. Disponível em: http://www.agenda2030.com.br/os_ods/. Acesso em 17 de maio de 2021.

RODRIGUES, Heitor de Andrade; DARIDO Suraya Cristina; PAES, Roberto Rodrigues. As relações entre esporte e sociedade: indicações para o trabalho pedagógico com o basquetebol. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, 2013.

VIEIRA, Inês. "Delicadeza e espírito de grupo": O basquetebol como intervenção cultural. (pág. 47-57). Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1285>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETEBALL. Anderson Varejão. Disponível em: <https://www.cbb.com.br/selecao-masculina/26/anderson-varejao> Acesso em: 17/04/2021.

CARA, Thiago. Varejão se torna primeiro na NBA a jogar pelos dois finalistas e já 'garante' título inédito. ESPN. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/602890_varejao-se-torna-primeiro-na-nba-a-jogar-pelos-dois-finalistas-e-ja-garante-titulo-inedito Acesso em: 21/03/2021.

COORDENADORES AUTORES:

Dra. Patrícia Vigário



Graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/2004), Mestrado em Saúde Coletiva, na área de concentração de Epidemiologia e Bioestatística (UFRJ/2007) e Doutorado e Pós-doutorado em Medicina (Endocrinologia) (UFRJ/ 2011; 2013). Atua como professora adjunta do Programa da Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Reabilitação (PPGCR) do Centro Universitário

Augusto Motta (UNISUAM) e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local (PPGDL) da do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Atualmente é membro da Academia Paralímpica Brasileira (APB), da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Fisioterapia (ABRAPG) e da Sociedade Latino-Americana de Tireoide. É bolsista do Programa Jovem Cientista do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ (2017). Atua principalmente nos seguintes temas: pessoa com deficiência, desporto adaptado, avaliação funcional, diabetes, educação inclusiva, inclusão social e sustentabilidade.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1263665448871342>

Dra. Bianca Gama Pena



CEO na Gama Assessoria Gestora e idealizadora do eMuseu do Esporte, gestora de Projetos na Diretoria de Inovação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Pós doutoranda em Propriedade Intelectual e Inovação na Academia de Propriedade Intelectual, Inovação e Desenvolvimento do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte – Programa de Pós-Graduação em Ciências

do Exercício e do Esporte - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(PPGCEE/UERJ), Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE/UERJ), Licenciatura Plena em Educação Física – Escola de Educação Física e Desportos - Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ), Pesquisadora do Grupo de Estudos Olímpicos da UERJ, membro do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin, membro do Grupo de Estudos Olímpicos, Museologia e Propriedade Intelectual – UERJ.

Link do portfólio: <https://www.biancagamapena.com>

Link currículo Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/2631251683978140>

Link do linkedin: <https://www.linkedin.com/in/bianca-gama-pena-b141a478>

Site do eMuseu do Esporte: www.emuseudoesporte.com.br

Dr. Silvio de Cassio Costa Telles



Possui graduação em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997) mestrado e doutorado em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho (2002-2008). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atua respectivamente no Programa de Pós-Graduação em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em

Ciências do Exercício e do Esporte, orientando nos cursos de mestrado e doutorado. Também exerce a função de técnico de polo aquático do Fluminense Football Club e de docente na Universidade Estácio de Sá no curso de Educação Física. É líder do Grupo de pesquisa em Escola, Esporte e Cultura (GPPEsC) cadastrado junto ao CNPq.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9130913958427863>

PROFESSORES AUTORES:

Anna Carolina Carvalho de Souza



Especialista em Educação Básica com ênfase em Educação Física Escolar formada pelo Programa de Pós-graduação intitulado: Curso de Especialização Saberes e práticas na Educação Básica (CESPEB), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ). Licenciada em Educação Física no Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IEFD/UERJ). É professora

da disciplina Educação Física no Colégio Pedro II, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) na Área de Concentração Estudos da Motricidade Humana da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ) e cursa Bacharel em Educação Física no IEFD/UERJ. É membro-Estudante do Grupo de Pesquisa em Escola, Esporte e Cultura (GPEEsC). As ênfases das suas pesquisas são em temas relacionados a: Área psicossociocultural e pedagógica da Educação Física.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8353402716233836>

João Marcelo Cortat



Licenciatura em Educação Física pela Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ), bacharelado em Educação Física pela EEFD/UFRJ e Pós-graduação em psicomotricidade pela Universidade Candido Mendes.

ALUNA AUTORA:

Jéssica Silva de Jesus



Aluna do 4º período de graduação em fisioterapia – Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Aluna de iniciação científica do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local do Centro Universitário Augusto Motta (PPGDL/ UNISUAM).

eME
eMuseu do Esporte

